

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

VALORAÇÃO CULTURAL: TEORIA E PRÁTICA DA GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO RIKBAK TSA DA TERRA INDÍGENA DO ESCONDIDO EM
COTRIGUAÇU – MT

Autora: Juliane Ferreira Garcia

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2012

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

VALORAÇÃO CULTURAL: TEORIA E PRÁTICA DA GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO RIKBAK TSA DA TERRA INDÍGENA DO ESCONDIDO EM
COTRIGUAÇU – MT

Autora: Juliane Ferreira Garcia

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Geografia do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia”.

JUÍNA/2012

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Ana Leticia de Oliveira

Prof^a. Ma. Denise Peralta Lemes

Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes
ORIENTADORA

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um curso e sua jornada anterior, muitas vezes é sofrida, com garra, persistência e acima de tudo um imenso carinho por onde passei e pelos conhecimentos adquiridos, venho prestar meus agradecimentos.

Agradeço primeiramente para a concretização deste trabalho a Deus, que me abençoou e guiou meus passos durante toda a minha jornada.

As minhas Prof^a. Ma. Ana Letícia de Oliveira, Prof^a. Ma. Denise Peralta Lemes, que estiveram comigo durante toda minha caminhada mostrando-me seus conhecimentos excepcionais. A Prof^a. Ma. Sonia Waltrick Ramos pela compreensão e paciência nas aulas de Metodologia Científica. E, em especial a minha orientadora Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes, que apesar da amizade construída durante esses anos, sua dedicação, carinho, orientação e, acima de qualquer coisa, seu conhecimento espetacular que me levou a trabalhar e ter uma visão radiante sobre os povos indígenas.

Ao Prof^o. Dr^o. Rinaldo Sérgio Vieira Arruda, antropólogo da PUC/SP pelo carinho e atenção e apoio com os materiais bibliográficos sobre os *Rikbaktsa*.

À Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação e Cultura do município de Cotriguaçu/MT.

A AJES - Faculdade do Vale do Juruena. A FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

Aos *Rikbaktsa*, em especial a Terra Indígena do Escondido do município de Cotriguaçu/MT, por terem me recebido de braços abertos durante esses 15 meses presente nas suas vidas, ao Cacique Dokta e ao professor Raimundo que tanto se dedicaram em compartilhar suas oralmente, experiências para a elaboração deste trabalho.

Ao meu companheiro e amigo inseparável, que apesar das turbulências que passamos durante esses dois anos e meio, não me abandonou em nenhum momento e quando tive minhas fraquezas de querer desistir, se manteve forte e me apoiando em continuar.

A minha amiga Chaeny Silva Souza pelos dias, noites, finais de semanas e feriados que deixamos de usufruir com nossas famílias e amigos para estarmos juntas estudando e trabalhando para a conclusão de nossas monografias.

Aos meus amigos e colegas de sala, por todos os momentos que passamos juntos que pudemos repartir um pouco dos conhecimentos que todos temos e mostrar que somos capazes de mais e mais.

A todos meus sinceros agradecimentos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que para mim é à base de tudo, a minha filha Luana pelos momentos que soube me compreender quando estive ausente, a minha irmã Tatiane pela garra de me suportar e me incentivar nos momentos que mais precisei ao meu irmão Alex que amo e em especial aos meus pais Antonio Carlos Garcia e Maria Aparecida Ferreira Garcia apesar das dificuldades que passamos nos últimos anos, conseguiram me manter estudando, e por estarem comigo nessa caminhada, e realizar esta grande conquista, sem eles eu não seria nada. Ensinaram-me a respeitar nossos semelhantes, tanto na alegria quanto nas tristezas, me orgulho da trajetória que passamos durante esses três anos, amo muito vocês.

Obrigada!

EPÍGRAFE

“Índios nativos habitantes originais, de nossas terras sofredoras, exploradas pelos europeus. Homens brancos considerados sem compaixão ou piedade dos índios, nossos descendentes, pais donos das terras que habitamos donos da fauna e flora, que nós brancos os arrancamos. Sua maioria foi morta, suas terras tomadas e destruídas, sua cultura roubada, de tal forma que, nem existe lei ou justiça que intervirem contra ou a favor. Todos os conhecem por selvagens, sem educação, mas o que poucos sabem é que, eles são nativos e com qualidades de ensino feitas por seus ancestrais. Sobressaindo a toda frescura, etiqueta ou a moda sem futuro que nós aprendemos e seguimos. Índios, pessoas bem melhores que muitos de nós, por apresentar um simples detalhe que os destacam. Eles realmente sabem o que significa a palavra união. E a grande família formada por eles, nos causam inveja e comoção, a alguns descendentes de brancos, que são considerados sem coração”.

(Autora: Luana Garcia de Morais, 2012).

RESUMO

Ao norte-noroeste do Estado de Mato Grosso, está localizada à margem esquerda do rio Juruena, a Terra Indígena do Escondido especificadamente o aldeamento Babaçuzal. Região isolada que sofre com ausência de referências históricas e de estudos arqueológicos e culturais que dificultam a datação da ocupação humana naquele espaço geográfico. Nessa aldeia, foi encontrado um grupo da etnia *Rikbaktsa* que lutam desesperadamente para manter sua cultura e sua língua mãe, que se misturam cada vez mais, às expressões da sociedade envolvente. Nesse estudo *in loco*, pela geografia cultural e educacional, mostrou-nos grandes dificuldades encontradas pelos povos, e mostrando a eles a importância de se conhecer a ciência geográfica e como a mesma pode atuar como aliada à preservação e à manutenção da cultura da própria etnia. A geografia pode aflorar a percepção da comunidade tradicional com a sociedade envolvente. Existem muitos jovens indígenas que já frequentam as escolas públicas onde têm a base do nosso conhecimento. Entretanto, proposta foi levar a geografia à aldeia, onde existem crianças, jovens e adultos que com seus ensinamentos tradicionais, poderão fazer, pela Geografia Cultural, o resgate da memória tribal com relação aos acidentes geográficos propagados pelos mitos. A ideia de relacionar os ensinamentos mitológicos aos geográficos vem no intuito de preservar o patrimônio da cultura material dessa comunidade.

Palavras-chave: Educação, Geografia Cultural, Religião, Mito.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização da Terra Indígena Erikpaktsa	16
FIGURA 2: Localização da Terra Indígena Japuira	17
FIGURA 3: Localização da Terra Indígena do Escondido.....	17
FIGURA 4: Rikbaktsa na década de 1960	19
FIGURA 5: Aldeia Babaçuzal, prédio branco é o posto de saúde e odontológico desativado.....	29
FIGURA 6: Residência com energia elétrica na Aldeia Babaçuzal	30
FIGURA 7: Poço artesiano que abastece toda a Aldeia Babaçuzal	30
FIGURA 8: 500 metros da entrada da Aldeia, desmatamento entorno da área indígena provocando a escassez da caça	31
FIGURA 9: Índios uniformizados no internato Utiariti	35
FIGURA 10: Escola da Aldeia Babaçuzal	36
FIGURA 11: Quadra improvisada para os jogos recreativos	37
FIGURA 12: Aulas ministradas ao ar livre na Aldeia Babaçuzal	38
FIGURA 13: Cacique Dokta na confraternização.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: ÍNDIGENA: OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA BRASILIS	14
1.1 Rikbaktsa: Três Terras Indígenas e uma só família.....	16
1.2 Mitos de uma sociedade acolhedora.....	20
1.3 Religião e Magia: um encontro na Sociedade Rikbaktsa.....	21
1.4 Terra Indígena do Escondido: Comunidade Babaçuzal.....	23
CAPITULO II: METODOLOGIA	25
2.1 Materiais e Métodos	25
2.2 Saída de Campo	25
CAPÍTULO III: GEOGRAFIA CULTURAL EM MEIO AOS POVOS INDÍGENAS: A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O APRENDIZADO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS	27
3.1 Paisagens Indígenas: uma história da natureza que os seres humanos transforma.....	29
3.2 Educação no Brasil: uma questão de cidadania.....	32
3.3 Educação Indígena: Aproximando a aqueles que por muitos são considerados selvagens	33
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	45
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

As crenças indígenas, a educação, a ancestralidade, seus costumes e modo de vida e as tradições modificam-se ao longo da história. O povo *Rikbaktsa*, autóctone da região norte-noroeste do Mato Grosso, está dividido em três Terras Indígenas, a Terra Indígena do *Escondido*, Terra Indígena Japuira e a Terra Indígena *Erikpaktsa*. Como todos os povos indígenas brasileiros sofrem com relação ao processo de ensino/aprendizagem de suas crianças e seus adolescentes. Buscando assim, meios didáticos para a sociedade indígena ter o conhecimento dos conceitos básicos da geografia, meios esses diferenciados da tradicional educação indígena.

Hoje, no Brasil, com as mudanças no que diz respeito à educação indígena, temos poucas etnias que possuem professores nativos que se graduaram em licenciaturas para ocuparem os cargos nos aldeamentos. Em específico, na Aldeia Babaçuzal, localizada na Terra Indígena do *Escondido* o professor que lá atua só tem o ensino médio, feito na aldeia no município de Campo Novo dos Parecis/MT.

Foi realizada análise para entender o porquê dessa carência, na sociedade envolvente. A educação indígena, nessa aldeia, com toda sua peculiaridade traz marcas de um conhecimento ancestral que hibridizado devido as missões ocorridas no território que, acabaram interferindo no processo de aprendizagem entre a educação formal patrocinada pelo Estado e a educação tradicional passada pelas gerações *Rikbaktsa*. Sendo assim, proporcionou-se durante o período de visitas um diálogo entre as crenças e tradições desse povo e o ensino da geografia promovendo diversos conhecimentos entre as disciplinas de Português, Ciência geográfica e da própria cultura e língua *Rikbaktsa*.

Ao ministrar o ensino da geografia na escola, a curiosidade tomou conta das crianças, elas querem saber quais objetos iriam ser utilizados no auxílio às aulas e para que serviria quando utilizou-se um mapa do Atlas do Mato Grosso para identificar a localização da aldeia e do município sede, uma bússola para mostrar os pontos cardeais, entre outros trazendo nova forma de ensinar na escola, sendo que aprenderam com mais facilidade. Toda essa crítica que envolve os meios educacionais indígenas acabou resgatando um conhecimento de um mundo

“Educativo e cultural” diferenciado, mostrando que todos são capazes de buscar métodos e realizar esses processos pedagógicos.

Observando assim, o desenvolvimento dos alunos em respeito a todo o planejamento pedagógico que foi feito, tendo um resultado excelente.

A pesquisa foi realizada a norte-noroeste do Estado de Mato Grosso, no município de Cotriguaçu/MT, localizado na bacia do Rio Juruena, sendo que à Terra Indígena do *Escondido*, Aldeia Babaçuzal se encontra à margem esquerda do Rio Juruena mais ao norte. Região isolada durante o século XVII que teve algumas expedições científicas e comerciais.

Lá foi analisado e observado seu modo de vida atual e como era no passado vivido por seus ancestrais, sendo que a educação é uma das mais preocupantes na aldeia, pois os jovens estão perdendo seus costumes e sua língua mãe.

Buscou-se em conjunto com a Terra Indígena do *Escondido*, promover um ensino/aprendizagem da Geografia extrapolando os livros didáticos, jogos pedagógicos, fichas de leitura e com a formação de uma biblioteca para auxiliar tanto as crianças como o professor em seu plano pedagógico. Com a identificação das condições precárias que se pode vivenciar, elaborou-se um ensino para saciar essa defasagem educacional que os rodeiam, assim, por meios de ensino dinamizado com aulas práticas onde as crianças, jovens e adultos puderam participar de cada atividade proposta. Constituindo assim, todos os objetivos alcançados com essas atividades indicada à sociedade Babaçuzal.

O trabalho foi realizado mediante levantamento bibliográfico tendo como pilares a Geografia Cultural, Geografia Física e Antropologia e a análise dos livros didáticos de Geografia além de pesquisa de campo no período de Julho/11 a Outubro/12, num total de quinze dias. Desenvolvendo entrevista aberta respondida pelo cacique, professor, alunos e o pajé da comunidade em questão.

Essa monografia foi estruturada em capítulos. No primeiro, *Indígena: os primeiros habitantes da terra brasílica*, foram ressaltados o contexto da colonização indígena do Brasil, a ocupação dos povos indígenas na região Centro-Oeste e no norte do Estado de Mato Grosso, especificadamente no norte-noroeste município de Cotriguaçu/MT. A pacificação das Terras Indígenas da etnia *Rikbaktsa*, seus mitos,

religião e magia dentro de sua própria comunidade e também ressalta o internato Utiariti.

No segundo capítulo trás os métodos de trabalhos durante a pesquisa e como foram realizadas as saídas de campo. O terceiro capítulo *Geografia Cultural entre a comunidade Babaçuzal: a percepção da paisagem como recurso didático para o aprendizado das crianças indígenas*, onde enfatiza *A Educação Indígena no Brasil: uma questão de cidadania*, desenvolvendo também na aldeia Babaçuzal meios de se trabalhar diferenciado com as crianças e incentiva-las a cultivar seus ensinamentos num habitat natural.

E, por fim concluímos que apesar das dificuldades encontradas nesse período de visitas à aldeia, as crianças, à cada encontro, mostravam-se mais empolgadas, o que possibilitou um contato mais proveitoso nos momentos do estudo com a geografia e o cotidiano deles. Apesar de uma educação formal defasada, mais uma cultura rica em detalhes.

Tais relatos começam discorrer a seguir.

CAPITULO I: ÍNDIGENA: OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA *BRASILIS*

Falar hoje sobre os índios brasileiros repassa a visão de uma sociedade diversificada, povos esses, que há milhares de anos habitavam já as terras brasileiras bem antes da invasão europeia. Dados demográficos mostram que, por volta de 1500, quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, essa região era habitada por uma população de aproximadamente cinco milhões de índios.

As comunidades indígenas viviam nas redondezas das nascentes de córregos e rios, realizando basicamente a coleta de frutos e raízes e da caça. O contato dessas tribos com os brancos ocorreu no século XVII, com as missões religiosas e a dispersão do exército pelo território.

Uma população que vem buscando a décadas melhores condições de sobrevivência. Porém, se concretizam em uma coletividade entre povos, nações, sociedades, etnias, tribos. Seus dados históricos trazem conhecimentos de cultura, costumes e tradições geradas por essa sociedade que tem um grupo linguístico rico, trazendo assim, um saber educacional.

Para HESPANHOL (2000) a ocupação ocorreu no início do século XVIII na região Centro-Oeste quando um grupo de bandeirantes paulista em suas visitas a região, localizaram um grande setor econômico que viria a calhar, os recursos minerais. Os municípios de Cuiabá, Cáceres e Poconé, no Mato Grosso, foram formados decorrentes ao período da mineração.

Em 1930 a Amazônia Matogrossense foi considerada um território de conquista, que era populosa por índios e sustentada pelo setor extrativista. Até a década de 60 muitos migrantes em suas expedições passaram pelo estado de Mato Grosso analisando as terras em busca de formar roças para cultivo.

Para MORENO (2005) os povos indígenas matogrossenses de diversas etnias viviam nessa região bem antes da ocupação dos portugueses no Brasil, essas sociedades autóctones desenvolveram seu habitat instituíram-se formas culturais e de sobrevivência à natureza. Apesar desses acontecimentos os índios passaram décadas sofrendo repressões, onde ocorreram massacres que exterminava essa população autóctone brasileira. Para muitos era viável que isso acontecesse, pois suas áreas se transformariam em grandes pastagens, garimpos ou indústrias. Já na

década de 1960, por expectativas da população brasileira achavam que seria o fim dos índios. Nos meados da década de 1970 houve um acréscimo na população indígena em grande parte do país, motivos esses foi o contato com os brancos que trouxe conhecimentos novos ensinando-os a viver como os brancos.

O município de Cotriguaçu localizado na região Norte-Noroeste do Estado de Mato Grosso abriga uma população de aproximadamente 18.000 habitantes, sendo que, desde o século XVIII já era habitado pelos povos indígenas especialmente os *Rikbaktsa* que estão hoje limitados em Terras Indígenas diferentes, nos municípios de Cotriguaçu, Juara e Brasnorte. Sua colonização foi no ano de 1984, com a chegada dos primeiros imigrantes que buscavam terras férteis para desenvolver a agricultura.

Com isso, houve grandes transformações no território, onde ocorreram processos de exploração mineral e vegetal. Para a sociedade indígena existente a décadas nesse território, houve grandes impactos que trouxeram uma perda de cultura, porém são grupos étnicos que tem costumes, tradições e cultura diferenciada.

SANTILLI (2000, p.25) mostra quais são as perdas de cultura entre esses povos indígenas,

[...] as perdas culturais indígenas no processo de contato, há casos de recuperação por meio de recurso a registros escritos pela produção cultural nacional. A recuperação, nesses casos, não implica uma simples regressão, mas os valores recuperados são, de certa forma, recriados em padrões atuais, como almas que se reencarnam em períodos posteriores. Pode haver culturas indígenas pós-modernas ou pós-antigas.

Portanto, essas diferenças entre os contatos gera uma cobiça cultural entre os povos, e reflete nas gerações atuais devido aos comportamentos dos mais experientes, influenciando na comercialização de mercadorias não só local mais regional englobando nos territórios de outros povos indígenas.

Na mudança ocorrida pela Constituição de 1988 deixa um reconhecimento distinto dos direitos aos índios. SANTILLI (2000, p.29) em sua obra *Os brasileiros e os índios* fala que, “[...] abandona a tradição assimilacionista e encampa a ideia – a realidade dos fatos – de que os índios são sujeitos presentes e capazes de permanecer no futuro”.

1.1 *Rikbaktsa*: Três Terras Indígenas e uma só família.

Rikbaktsa significa seres humanos, também são conhecidos como canoeiros devido aos aldeamentos. Esse povo foi reeducado pelos jesuítas, impondo suas culturas aos índios.

Após a expulsão dos mesmos na segunda metade do século XVIII, localizada entorno do rio Juruena, são muito habilidosos com as canoas, e orelhas-de-pau pelos enormes botoques que são feitos de madeira do tipo caxeta que são introduzido nos lóbulos das orelhas. A população atual é de aproximadamente 1.025 pessoas, sendo distribuída em cerca de 34 aldeias, entre os rios Arinos, Juruena e o rio do Sangue, num território total de 401 382 mil hectares de floresta amazônica. Uma comunidade imemorial que vive na bacia do rio Juruena, no noroeste do Estado de Mato Grosso contendo três áreas indígenas, Terra Indígena Erikpaktsa, demarcada em 1968 com 79.935 hectares vide figura 01.

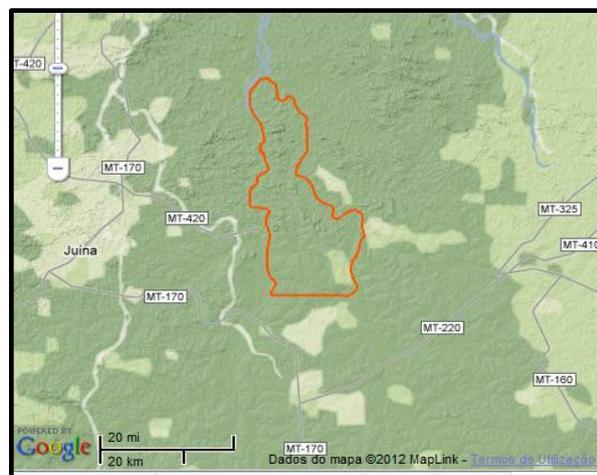


Figura 01: Localização da Terra Indígena Erikpaktsa
Fonte: Portal ISA - Sócio Ambiental. 2012

A Terra Indígena Japuira, demarcada em 1986 com 152.509 hectares, conforme visualizamos na vide figura 02.

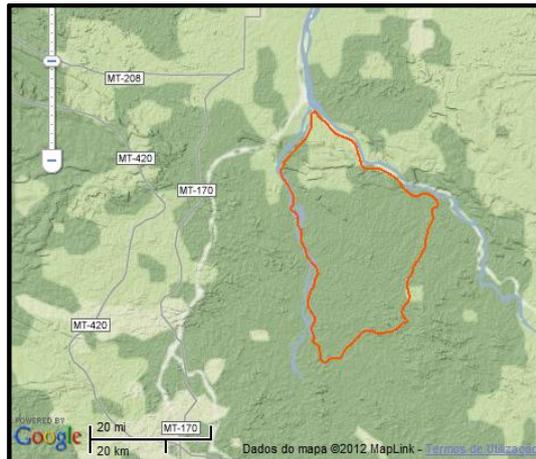


Figura 02: Localização da Terra Indígena Japuira
Fonte: Portal ISA - Sócio Ambiental. 2012

E, por fim, a Terra Indígena do Escondido, demarcada em 1998 com 168.938 hectares vide figura 03. Todas com suas tradições, crenças e costumes e pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê.



Figura 03: Localização da Terra Indígena do Escondido
Fonte: Portal ISA - Sócio Ambiental. 2012

Houve uma pacificação para a entrada dos seringueiros, trazendo uma cobiça na área econômica, abrindo frente para outras áreas como as dos madeireiros, pecuária e para a extração de minério. Isso foi conduzido pelo padre jesuíta João Evangelista Dornstauder¹, da Missão Anchieta, a iniciar um projeto de pacificação da região, com início em 1956 e com término em 1962.

¹João Evangelista Dornstauder, austríaco de nascimento, professor de Ciências Naturais, missionário catequista e que se fizera etnólogo de alcance, com reconhecimento internacional como tal. Pe. João serviu com abnegação à causa da paz e entendimento entre as partes, sempre sorrindo, e assim inscreveu seu nome no desbravamento do Vale do Rio Juruena, formador do Tapajós.

Aliado aos conceitos de PACINI (1999, p. XVII),

a pacificação dos *Rikbaktsa* aconteceu em três fases: primeiramente o objetivo era atraí-los para amansá-los, depois “impor” a educação através dos Postos de Assistência Indígena, a fim de transformá-los em semisselvagens e, por fim, introduzi-los ao mundo do trabalho, qualificando os indígenas pelas técnicas agrícolas e indústrias. Dentre tantas metas, o objetivo principal foi alcançado, pois conseguiram cessar as mortes entre índios e brancos.

Depois da pacificação, a Missão Anchieta e a Missão Luterana, começaram a desempenhar um trabalho minucioso com os índios *Rikbaktsa* para poder civiliza-los, levando-os ao internato Utariti que servia de abrigo, sendo assim, cuidados e educados pelos jesuítas.

A Missão Anchieta (MIA) trouxe benefícios, mas ao mesmo tempo privou uma população de seus costumes e tradições, PACINI (1999, p.XXXIV) diz que os jesuítas da MIA² uniram-se com os jesuítas existentes na Missão Diamantino (DM), sendo que essa união era para que os trabalhos feitos pelos missionários pudessem ser realizados com perfeita junção dos povos indígenas. “[...] se tornaram membros oficiais da MIA [...] 1956 quando as competências do Prelado de Diamantino e do Superior não estavam [...] definidas, criando [...] maior autonomia dos trabalhos missionários [...]”.

ARRUDA (1997) relata que as crianças só podiam falar em português, se chegassem a ser pega falando a sua língua mãe, eram severamente castigadas, sendo assim, acabavam se submetendo as normas proposta pelo internato. No início da colonização, os jesuítas tinham uma tradição em seu modo de educar os índios, estabelecendo normas e o modo com que seria feito os ensinamentos religiosos e pedagógicos, onde a maioria dos alunos do internato eram crianças que viviam criteriosamente mantidas na casa de ensino.

Os jesuítas acreditavam que essas crianças do internato seriam mais fáceis de lidar para o ensinamento das doutrinas religiosas. Com o passar do tempo, os jesuítas conseguiram ter uma grande quantidade de crianças no internato sendo

² A representação da MIA foi transferida com a capital para Brasília e depois a Diamantino. Na “Ata de Transferência da Missão Anchieta de Brasília (DF) para Diamantino (MT), de Reforma do Estatuto e Eleição de Diretoria”, 31.10.72, consta que se trata de uma entidade filantrópica e que foi registrada em Cartório. (PACINI, p. XXXIV, 1999).

essas de diversas culturas, fazendo com que elas vivessem juntas e desfrutassem das culturas uma das outras.

Como podemos perceber na figura 4, os *Rikbaktsa* nos meados da década de 1960 quando foram pacificados, passaram a ter uma convivência agradável com os não-índios.



Figura 04: Rikbaktsa na década de 1960.
Fonte: Portal ISA - Sócio Ambiental. 2012

ARRUDA (1997) na década de 1960 após a resistência contra os seringueiros, eram conhecidos como guerreiros ferozes. Esse foi um período marcado por uma diminuição de sua população, resultando nas mortes de vários índios *Rikbaktsa*, aproximadamente 75% de seu povo nativo, onde ocorreram epidemias de gripe, varíola, sarampo e conflitos entre seu povo. O tempo se passou e após se recuperarem, mantêm até hoje, um respeito à população regional, onde cativaram seus direitos, territorialidade e cultura.

Em 1961 a área indígena do *Escondido* era conhecida como Posto do Escondido fundado pela missão Luterana, sendo que antes de seus trabalhos serem efetuados o Pe. Dornstauder já fazia sua ligação religiosa com os índios *Rikbaktsa* que ali se encontram. PACINI (1999) relata que nas visitas feitas pelo Pe. Dornstauder nos aldeamentos próximo as margens do rio Juruena, constatou brigas entre os próprios *Rikbaktsas* do outro lado do rio devido à resistência contra a pacificação, sendo que, muitos ficaram isolados permanentemente até o final da década de 60.

Para ARRUDA (1996) todo esse movimento migratório ocorrido nos aldeamentos revelou um outro lado da sociedade *Rikbaktsa* onde buscaram os conhecimentos com os não-índios tornando-se comerciantes. Boa parte de suas mercadorias e utensílios são produzidos por eles próprios, formando assim, relação comercial que viabiliza uma renda monetária, com a produção da borracha, castanha e do artesanato que é considerado no Brasil uma das mais belas artes plumárias dos grupos tribais.

Na aldeia Babaçuzal sua renda monetária é oriunda da coleta da castanha e do artesanato e, sentem dificuldades na hora de exportar esses materiais devido ao seu isolamento geográfico. Mesmo, com tantas dificuldades e interferências, os *Rikbaktsa* não perderam seus bons costumes como a música, as danças, as confecção de artesanatos, confirmando quando ARRUDA (1996, p. 9) diz que a “identidade que lhes permite enfrentar as transformações induzidas pelo contato, sem desintegrar-se como povo de cultura e história originais”.

1.2 Mitos de uma sociedade acolhedora.

Apesar das mudanças ocorridas durante suas trajetórias, as sociedades indígenas brasileiras se submeteram à mudança de hábitos, pela pressão sofrida dos não-índios. A Comunidade Babaçuzal vem a cada dia tentar resgatar seus mitos históricos que os acompanham a gerações, mas defasados pelas influências que assolam a comunidade.

Segundo as concepções de ARRUDA (1996) o pensamento mítico trás um grau de competência para a interpretação histórica, buscando um conhecimento em sua capacidade de expansão perante os novos significados, principalmente no espaço de autonomia política e econômica.

Retratando assim, ARRUDA (1996, p. 15) mostra que a sociedade *Rikbaktsa* tem uma postura de que cada índio de sua etnia seja sábio, detentor dos seus próprios conhecimentos tradicionais e dos poderes de percepções do mundo que os envolve

[...] mas, na verdade, não é bem essa a postura *Rikbaktsa*. Os mitos indicam que a existência dos seres é sempre relacional e marcada pelo conflito. Os seres são gerados na desarmonia, no conflito, para superar o desajuste através de nova diferenciação, a qual estabelece um outro contexto de relações, alargado pelos novos entes que, "expulsos" do ser *Rikbaktsa*, se relacionam com ele do exterior.

Os mitos são narrados pelo cacique ou pelos anciões, que no caso são poucos que vivem na T.I – Terra Indígena - do Escondido, dando assim, um aprendizado, para que os mais jovens não se desprendam da sabedoria e de suas tradições.

Atualmente, os anciões sentem falta do modo de vida que viviam seus antepassados há séculos atrás, mas com a contemporaneidade acabam se adaptando a elas, como ao uso de eletrodomésticos como meios de comunicação (celular, telefone, rádio e internet). Apesar disso, encontram dificuldades no decorrer de suas caminhadas e lutas para se manterem, firmes as seus costumes, línguas, crenças e tradições.

Mesmo quando sabe-se que tradição inteiramente pura não existe. Ela se altera e alterna de acordo com a lenta passagem do tempo e simultaneamente pode sofrer modificações rápidas que se tornam duradouras (LOPES, 2008). Nesse ínterim, é um equívoco considerar o “tradicional” como algo que perdura ao longo de muitos séculos. “E cabe ao sujeito da tradição atribuir a ela um conjunto de símbolos e práticas depositárias de certa sabedoria” (GIDDENS, 2000, p. 48-49).

Desse modo, pode-se analisar que, as transformações decorrentes a esta postura não muda o meio de pensamento *Rikbaktsa*. Acreditam no que se refere ao místico trazendo entre suas percepções históricas uma valorização da sociedade brasileira.

1.3 Religião e Magia: um encontro na Sociedade *Rikbaktsa*

Os povos indígenas tiveram suas crenças, seus mitos, e sua magia modificadas pelos conflitos históricos, trazendo uma transformação em sua cultura. Dentro da aldeia Babaçuzal a mobilidade religiosa também se faz presente, uma vez

que o índio pode professar a fé que mais lhe agradar, contudo, todos sem exceção praticam os rituais e cerimônias intermediadas pelo pajé.

Entretanto, PEREIRA (2001, p. 11) coloca que essa transformação ainda não chegou a todos os lugares, por isso ainda é possível vislumbrar locais e lugares que “preservam suas raízes culturais quase intactas, quase inalteradas através dos séculos, apesar de tudo. Há, na Amazônia, regiões onde o progresso não penetrou de todo, [...]. São regiões cada vez mais reduzidas [...].”

Religião e magia se fundem na Aldeia Babaçuzal. Segundo LOPES (2008) ao se fazer uma análise antropológica sobre magia e religião, observou-se que, a magia está interligada à religião nessas sociedades. Assim, partindo da argumentação da sociedade envolvente, houve a necessidade de se parametrizar a religião de uma comunidade indígena à dela. Principalmente, porque ainda em muitas sociedades indígenas, o pajé faz além da intermediação do sagrado, a ponte com as diversas religiões institucionais que se apresentam espalhadas na região amazônica.

Esse fato explica o porquê da maioria dos líderes espirituais indígenas serem designados *xamãs*. Em tupi-guarani *xamã* significa pai ou pajé, indivíduo esse que, tem o poder de se comunicar com seres não humanos e realizar curas e outros atos durante seus rituais. Entretanto, ELIADE (1994, p.8 *apud* LARAIA, 2005, p.8) explica que a palavra *xamã* é “originária de um povo siberiano, os tungus”.

Segundo LARAIA (2005, p.8), em sua obra *As religiões indígenas: O caso tupi-guarani* relata em uma citação de cf. WAGLEY; GALVÃO, (1961) de que a maior parte do trabalho dos *xamãs* consiste em efetuar curas pelo do controle dos espíritos que provocam as doenças e, até mesmo, a morte,

Os pajés preferem curar à noite, uma das razões é que assim garantem uma audiência, o que seria difícil durante o dia, quando muitos estão para as roças. [...] inicia a cura cantando as canções daquele sobrenatural que o seu inquirido leva a considerar como provável. [...] marcando o ritmo da canção como uma batida forte de pé chacoalhando o maracá, [...] A esposa ou um ajudante preparam-lhe os cigarros feitos de folhas de fumo enroladas em fibra de tawari. [...] Chupa repetidas vezes no cigarro para soprar a fumaça em suas mãos ou no corpo do paciente. [...] Sob a influência do espírito o pajé comporta-se de maneira peculiar. Se é espírito de macaco [...] dança aos saltos, gesticula e grita como esse animal. O transe se prolonga enquanto o espírito está forte. Algumas vezes o espírito ‘vem forte demais’ e ele cai ao chão inconsciente. É durante o transe, enquanto está possuído pelo espírito, que o pajé cura.

O *xamã* de cada grupo tem o poder de liderar seus rituais, magias e cerimônias conforme seus costumes. Os espíritos são invocados com danças tradicionais, cantos ritualísticos e com seus instrumentos confeccionados por eles próprios. A magia vem sendo imposta pelos conhecimentos antigos, onde estabelece uma relação entre as crenças, transformando assim, ligação entre as forças sobrenaturais que são manifestadas durante os rituais e cerimônias. A magia vive devido sua conectividade com a crença, pois sem ela nada existiria.

No Brasil nas diversas aldeias, o pajé é o *xamã* da sua tribo. E, na aldeia Babaçuzal não é diferente o pajé é o *xamã* e conta histórias surpreendentes dos rituais e cerimônias feitos na aldeia. Sendo ele respeitado por todos até pelos não-índios, o pajé relata que, faz com que as novas gerações sigam os ensinamentos ancestrais, com trabalhos artesanais, com o cultivo de ervas medicinais que são usadas em rituais e magias, tanto servindo para cura ou para outras atividades feitas na aldeia. O *xamã* da aldeia Babaçuzal é uma pessoa bem reservada. Em sua moradia só entra se for convidado e, depois que você entra ocorre uma limpeza de ambiente, pois ali é onde passa a maioria de seu tempo, fazendo seus trabalhos, tanto materiais como espirituais.

1.4 Terra Indígena do Escondido: Comunidade Babaçuzal.

A realidade que encontra-se hoje sobre as suas tradições, crenças e costumes indígenas é bem diferente do que era há mais de 512 anos atrás, sabendo que houve uma modificação devido às movimentações ocorrida nos territórios que habitavam. Já os *Rikbaktsa* sofreram com invasões de suas terras por seringueiros e madeireiros nas décadas de 1940 com a chegada dos missionários nas aldeias, onde também lutaram contra sua própria etnia, sendo esses conflitos ocorridos nas margens do rio Juruena onde se localiza hoje uma das maiores áreas indígenas da região Noroeste do Estado de Mato Grosso, a área do *Escondido*.

Na comunidade Babaçuzal localizada na região Noroeste do estado de Mato Grosso, há 45 km de distância do município de Cotriguaçu/MT, relataram que, eles se orientam com as fases da Lua e pelas estações do ano, e também pelos períodos

de seca e o período chuvoso onde encontram facilidades para a pesca e para a produção de alimentos.

Tendo conhecimento de valores que resgata sua cultura natural, num ambiente que é propício a própria Floresta Amazônica. Essas observações já eram feitas pelos povos antigos, onde acreditavam que tinham momentos próprios para cada atividade como da caça, pesca e produção agrícola. Os povos indígenas acreditam que essa observação ainda ocorre nos dias atuais, apesar de que muitos perderam seus costumes, os anciões se dedicam a mostrar uma realidade que vem sendo seguida de geração a geração.

Tem-se um conhecimento muito restrito sobre o sistema astronômico indígena, sendo relatada pelo pajé que, essas observações já estão sendo perdidas e daqui algum tempo será extinta definitivamente. A globalização cada vez mais avança e as comunidades indígenas já estão englobadas nessa tecnologia futura. Assim, a visão indígena pelo Universo Humano entre os aspectos de seus valores culturais e um conhecimento ambiental é inenarrável.

CAPITULO II: METODOLOGIA

Neste capítulo abordou-se o processo de desenvolvimento realizado no trabalho de conclusão de curso, desde a busca bibliográfica até a pesquisa empírica. Revelando os meios técnicos e instrumentos adequados para finalização indiscutível do mesmo.

2.1 Materiais e Métodos

A investigação foi desenvolvida em uma aldeia indígena da etnia *Rikbaktsa*, área do Escondido, localizada no noroeste do Estado de Mato Grosso a margem esquerda do Rio Juruena, no município de Cotriguaçu/MT. Para melhor construção do trabalho acadêmico constituiu-se em utilizar materiais bibliográficos como, livros, monografias, artigos científicos e dissertações, alguns dos materiais retirados da Internet, tudo com o intuito de enriquecer os conhecimentos sobre esses povos.

A entrada na área teve a autorização da FUNAI – Fundação Nacional do Índio de Brasília/DF para se adentrar a terra indígena. Em parte da educação a autorização veio por meio da Secretaria de Educação e Cultura do município de Cotriguaçu, motivo esse que a escola na comunidade Babaçuzal é extensão de uma escola da zona urbana. A comunidade também entregou autorização feita por eles mesmos, autorizando o uso de imagens e vídeos produzidos no local.

Foi proposto ao Professor Raimundo um questionário (Anexo I), contendo quatorze perguntas sobre o desenvolvimento educacional das crianças *Rikbaktsa*. Por fim, utilizou-se os dados respondidos pelo professor e analisado com os dados feitos com o material bibliográfico.

2.2 Saída de Campo

Após ser realizada a pesquisa bibliográfica, houve a realização de três pesquisas *in loco* na Aldeia Babaçuzal. A primeira visita foi realizada nos dias 21 (vinte e um), 22 (vinte e dois) e 23 (vinte e três) no mês de julho do ano de 2011 onde se deslocou-se até comunidade indígena por meios terrestres cedidos pela Secretaria de Educação do município de Cotriguaçu, motivado pela a distância da

aldeia que é de 45 Km do município. A segunda visita se deu nos dias 09 (nove), 10 (dez) e 11 (onze) do mês de julho do ano de 2012, e a terceira visita nos dias 06 (seis) e 07 (sete) do mês de outubro de 2012, dessa vez não foi preciso outras pessoas acompanhar a pesquisa, pois já estavam sabendo que receberiam visitas. Nesses encontros foi observada a parte educacional e suas tradições autóctones.

Foi utilizado máquina fotográfica para registrar o ambiente educacional e o ambiente local da pesquisa, filmadora e um caderno para as anotações diversas.

CAPÍTULO III: GEOGRAFIA CULTURAL EM MEIO AOS POVOS INDÍGENAS: A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O APRENDIZADO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS.

A geografia cultural teve seu início na Alemanha como um subcampo da ciência geográfica, voltando à análise da dimensão espacial da cultura. WAGNER E MIKESELL (2003, p.50) colocam que, a análise elaborada pelo geógrafo cultural, deverá levar em consideração que qualquer “[...] sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura, demanda uma história e exige uma interpretação ecológica; [...]. A geografia cultural é, em primeiro lugar e sempre, geográfica”.

A visão do geógrafo cultural é ratificada nos conceitos de CLAVAL (2001) citado por SILVA; MARTINS (2010, p. 2) quando coloca que a cultura dentro da geografia cultural é a soma dos

Comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra [...]. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas.

O próprio ser humano pode gerar meios de classificação em sua essência, tendo capacidades de adquirir meios de estabelecer como deveria interpretar o mundo real. Uma dessas classificações apesar do tempo, gênero e grau, o espaço se destaca entre elas. MORAES (1994) diz que, tudo que aprende-se no decorrer da vida, gera conhecimentos que pode garantir seu meio específico da geografia.

Ressalta-se aqui, que para cada comunidade indígena esse espaço é sagrado e utilizado de maneira única. Cada acidente geográfico constituinte de uma paisagem que tem sua particularidade e suas manifestações culturais.

As manifestações culturais sempre acontecem num dado espaço geográfico, que de acordo com SANTOS (1996, p.26) é “um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”.

SANTOS (1996, p.71) relata que, “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.” O espaço geográfico está presente em todos os lugares, assim, cada lugar é uma construção no espaço, sendo consequência da história e ação do homem no meio. E, conforme HAESBAERT (2009, p.138) o lugar “além de envolver características mais subjetivas, na relação homens com seu espaço, em geral, implica também processos de identificação, relações de identidade”, ou seja, há lugares de peculiaridades do homem, tal qual, possuem objetos distintos que possibilitam ser transformados pela ação antrópica. Nessa perspectiva o espaço se torna lugar após ser modificado e ganhar determinado valor, desse modo, cada lugar é próprio.

Espaço geográfico e lugar são emoldurados por uma paisagem geográfica que contribui para a criação de mitos dentro da cosmogonia do Povo *Rikbatksa*. Entretanto, atualmente, a percepção dessa paisagem geográfica, como geradora de mitos e manutenção da cultura está se perdendo num contexto didático da sociedade envolvente e, não numa paisagem que envolve a própria comunidade.

Buscou-se em TUAN (1980, p.4) o conceito dado à percepção da paisagem que é a “resposta dos sentidos aos estímulos externos, [...] na qual, certos fenômenos são claramente registrados, [...]. Muito do que percebemos tem valor para nós, [...] para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura”.

A partir desse conceito, pode-se dizer que a paisagem geográfica é toda combinação mutável que reage dialeticamente com o espaço e é percebida pelos sentidos. Toda paisagem geográfica traz subsídios para a composição do sagrado.

ROSENDAHL (2002, p.14) mostra a relação que é estabelecida entre espaço/paisagem/religião é focada nos estudos da Geografia Cultural, pois, é nela que se concentra o estudo da “interação espacial entre uma cultura e seu ambiente terrestre complexo e a situação espacial entre diferentes culturas”.

O espaço sagrado visto por ELIADE (2001, p.13-18) resgata um conhecimento do sagrado quando manifestado, “[...] que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável [...], pelas manifestações das realidades sagradas”. Essas manifestações levam a realidade onde objetos como uma árvore ou até uma estátua pode se tornar sagrado. “[...] um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto

fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real [...]”. Já o profano mantém essa homogeneidade do espaço. Onde sua orientação não é admissível “[...] porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias [...]”.

3.1 Paisagens Indígenas: uma história da natureza que os seres humanos transforma.

A transformação decorrente a paisagem geográfica que envolve a escola na aldeia Babaçuzal é de floresta Amazônica não devastada pelos não-índios, com presença de um rio principal, afluentes e inúmeros igarapés. Um relevo suave que permite o aprendizado lúdico a partir do seu próprio dia-a-dia, que dada adequadamente a percepção da paisagem aos alunos e ao professor, favorecendo assim, uma aprendizagem da geografia rica e comparativa à sociedade envolvente. Mostrando como os elementos geográficos promoveram o sagrado dentro dessa comunidade.

Na aldeia Babaçuzal a organização espacial é delimitada numa área específica, onde residem casas de madeiras como se pode verificar nas figuras 05 e 06 mantendo-se na atualidade que os envolve, trazendo meios e condições de vida diferentes de suas gerações passadas.



Figura 05 : Aldeia Babaçuzal, prédio branco é o posto de saúde e odontológico desativado.

Fonte: GARCIA, J.F. 2012



Figura 06 : Residência com energia elétrica na Aldeia Babaçuzal
Fonte: GARCIA, J.F. 2012

BONNEMAISON (2002) qualifica como “geossímbolo” as transformações existentes em um dado território, sejam elas de natureza espacial, cultural, social ou que modificam a organização espacial, segundo as necessidades particulares de um dado grupo, que pode se caracterizar em um determinado lugar. Em observação a transformação ocorrida no modo de vida e adaptação ao meio ambiente da sociedade indígena vide figura 07, foi totalmente modificada pelas experiências trocadas com os não-índios, pois já se utilizam de energia elétrica, poço artesiano, parabólica, televisão, geladeira, fogão entre outros.



Figura 07: Poço artesiano que abastece toda a Aldeia Babaçuzal
Fonte: GARCIA, J.F. 2012

Os *Rikbaktsa* se articulam entre a paisagem geográfica basicamente pelas necessidades que os abrange, pois para a confecção dos artesanatos as mulheres

da sociedade Babaçuzal saem antes do sol raiar em busca de materiais que a flora da Amazônia tem a favorecer para seus trabalhos artesanais, e assim, retornam antes do sol se por com seus artefatos que geram economicamente a essas mulheres um subsídio financeiro razoável para suas necessidades individuais.

O cacique relatou que já estão sentindo a falta da flora e fauna nos arredores da área indígena do *Escondido*, devido ao grande desmatamento vide figura 08, que ocorreu e ainda ocorre na região, sendo assim, vão coletar esses materiais tanto para os artesanatos, quanto caça e pesca mais distante e muitas vezes ainda voltam sem o material específico.



Figura 08: 500 metros da entrada da Aldeia, desmatamento entorno da área Indígena provocando a escassez da caça.

Fonte: GARCIA, J.F. 2012

A Floresta Amazônica que abrange a Aldeia Babaçuzal, trás a esses povos um pouco de dificuldade como relatado acima, pois um exemplo é o rio que banha a área, o rio Juruena, que fica aproximadamente a 70 km de distância do centro da Aldeia com uma Floresta totalmente nativa, sem nenhuma exploração nem de madeira nem minério. Por isso, essa sociedade não se alimenta constantemente de peixe devido à longa distância e o córrego que passa dentro da aldeia na época da seca ele desaparece.

A realidade que envolvente o espaço constrói uma estrutura que, dinamiza pelo conhecimento e ação do fato. Fragmentando assim, o território e meios de se articularem entre ele.

3.2 Educação no Brasil: uma questão de cidadania

A educação brasileira só teve um andamento lógico nos meados do século XX, quando houve um processo de ampliação da educação no país, sendo que nos meados da década de 1960 a educação trás experiências múltiplas que torna o ser humano o meio de pesquisas e investimentos adquiridos na educação. Trazendo assim, um resultado positivo e, tendo um crescimento nas redes escolares públicas no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 sendo a educação não sendo das melhores. Em 1990 a educação passou por um período de formulação, com mudanças administrativas, e modo de ensino dentro das salas de aula. Mudanças essas, que foram feitas porque a educação só ensinava o básico sem aprofundamento nos conteúdos didáticos.

A educação brasileira aplicada nos dias atuais vem se modificando no país, mostrando que é o alicerce incondicional para uma sociedade digna. Com isso, o Brasil passou por reformas educacionais em grandes períodos que marcaram a história da Educação no Brasil.

Para FRANÇA (2008) no período colonial brasileiro, de 1500 a 1822, ocorreu a educação influenciada pelo Catolicismo, trazendo os jesuítas ao Brasil, realocando as escolas com normas sagradas. O período Pombalino de 1750 a 1777 levou a famosa estagnação do ensino no Brasil nos meados do século XVIII, onde ocorreram mudanças educacionais devido à influências políticas que o Brasil exercia. No comando estava o Marquês de Pombal, apesar disso, o período era dos melhores, pois teve fatos de péssima qualidade de ensino na escola, professores ganhando pouco e seus cursos preparatórios para se manterem em cargos administrativos. O período Joanino, de 1808 à 1821, trouxe para o Brasil sua emancipação política, formulando mudanças educacionais realizadas pelo Governo Imperial.

Segundo RIBEIRO, (1995, p.40) *apud* FRANÇA (2008, p.78) valorizou mais os tramites legais da educação onde houve a criação da Imprensa Régia em 1808, da Biblioteca Pública, dois anos depois, do Jardim Botânico do Rio, também no mesmo ano, 1810 e do Museu Nacional em 1818. “No campo da imprensa, circulou

o primeiro jornal (*A Gazeta*), a primeira revista (*As Variações ou Ensaios de Literatura*, em 1812) e, em 1813, a primeira revista carioca, *O Patriota*”.

FRANÇA (2008) no período Imperial de 1822 a 1889 há grande refletância da economia na educação. Apesar da crise estabelecida no Brasil à educação passou por um período defasado, sem recursos e nem apoio do próprio governo. Só a partir de 7 de setembro de 1822, quando Dom Pedro I declarou a Independência do País, mesmo com as mudanças ocorridas, o Brasil passou por dificuldades na área educacional. Sendo que, a partir de 1889 com a Proclamação da República a educação torna para o Estado maior prioridade, estruturando o ensino com qualidade e profissionais qualificados.

Novas perspectivas foram geradas para o ensino superior no período republicano, após a Proclamação, o Brasil torna-se federação. A educação entrou com tudo, pois gerou cursos auxiliares e superiores para suprir as necessidades no mercado de trabalho, sendo assim, novas escolas e faculdades.

O desenvolvimento da educação brasileira não teve uma grande mudança em suas características como o uso da sala de aula, apagador, giz, quadro negro e professor, embora saibam que a tecnologia já vem se aperfeiçoando para mudanças radicais dentro de sala de aula.

3.3 Educação Indígena: aproximando a aqueles que por muitos são considerados selvagens

A educação indígena é trabalhada pelo projeto educacional onde em aproximadamente 70% das escolas indígenas não seguem esses métodos. O ensino é básico e ainda assim, não educa adequadamente as crianças, jovens e adultos das aldeias. Sabe-se que existe uma grande diferença de ensino/aprendizagem nas escolas dos não-índios, diferença essa que, vem aflorar os jovens índios quando necessitam desses aprendizados, de tal modo, sofrem uma mudança drástica não só educacional, mas também cultural e social.

KAINGÁNG (2008) traz uma amostra do que ocorreu na discussão do texto da declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Existe um receio onde se pode distinguir que a população indígena tem seus devidos direitos essenciais para manter sua cultura, tradição, história e se reabilitando as condições econômicas, políticas e sociais, que os Estados precisam reconhecer, respeitar e promover. Esses temores e essas dificuldades em ratificar os direitos indígenas distanciam ainda mais o processo de ensino/aprendizagem.

Assim, algumas etnias buscam melhorar seu modo de educação nas aldeias para prevenir os conflitos entre os povos do mesmo aldeamento, diferenças que causadas pelas mudanças do modo de vida, resignificando as tradições ancestrais. Por isso, os anciões, no caso da Terra Indígena do *Escondido*, tentam transmitir seus ensinamentos aos mais jovens e procuram resgatar o respeito deles e das outras pessoas da comunidade, mas, sempre com um conflito intergeracional.

Entretanto a educação do governo brasileiro, para os povos indígenas vem passando por uma transformação daquela proposta no início da pacificação em meados da década de 1960. A Constituição de 1988 garantiu a esses povos uma educação que priorizasse a manutenção da cultura local. Assim, as aulas passaram a ser ministradas nos aldeamentos, mudanças essas que preocupam os educadores envolvidos nas questões indígenas, uma vez que os livros didáticos e a pedagogia aplicada são embasados na sociedade envolvente.

Segundo REZENDE (2004, p.10) relata que a educação indígena está intrinsecamente ligada à existência da cultura autóctone:

[...] a educação indígena tem como finalidade principal e última: formar bem o homem e a mulher indígena, isto é, que eles sejam verdadeiros (autênticos) indígenas. Significa que eles devem assumir os valores de seu povo, da sua etnia, aprender sua língua, suas músicas, seu modo de honrar a etnia com seu trabalho e sabedoria. Para a sua aprendizagem o mecanismo principal de ensino é a convivência e prática.

VILLARES (2009, p. 263) faz uma análise do avanço das tecnologias no cotidiano tanto para os índios como os não-índios, mostrando que o contato com esse novo estilo de vida e tecnologia mudou radicalmente o processo de conhecimento o que possibilitou aos indígenas e suas comunidades trocas de

experiências. “Novos tipos de conhecimento tornaram-se imprescindíveis para a nova vida e necessários para entenderem o novo mundo que constantemente se coloca para os povos indígenas”.

Tais transformações fazem com que o povo *Rikbaktsa* tenha como objetivo resgatar e preservar a suas culturas, sendo a educação é uma das principais prioridades no momento. Pois, com a retirada das crianças e jovens *Rikbaktsa* que foram levados para o internato Utiariti, muitos, ainda, hoje relatam a falta das famílias, pois ficavam meses sem ver um parente.

Hoje pode-se observar que, nas escolas indígenas ocorre um ensino feito pela comunidade indígena, cada qual, etnia toma frente a esses trabalhos pedagógicos transformando sua cultura num processo educacional.

A figura 09 mostra as crianças, jovens e adultos indígenas uniformizados. Apesar de observar que a escola é feita de pau a pique e folhas de coqueiro, pode-se perceber a doutrina e a rigidez com que eram ministradas as aulas e os ensinamentos religiosos.



Figura 09 – Índios uniformizados no internato Utiariti.
Fonte: Portal ISA - Sócio Ambiental. 2012

OLIVEIRA (2011) prioriza nas análises feitas que, a educação *Rikbaktsa* é embasada e direcionada à sua cultura, fornecendo assim, subsídios em relação da convivência com outros grupos populacionais, portanto para os *Rikbaktsas*, o ensino de sua língua nativa é essencial.

Mas apesar de todo esse trabalho ainda ocorre uma defasagem no ensino, como na aldeia Babaçuzal, onde a escola não é regularizada, os alunos dependem de ajuda de terceiros para se manter estudando, por meio de doações de materiais didáticos para o processo pedagógico.

O ano letivo na comunidade Babaçuzal teve início em maio de 2012 e a única disciplina ministrada, em sala de aula, é o português e trabalhado também a cartilha *Rikbaktsa*, onde o professor da Aldeia não é graduado, tendo só o ensino médio. Relata as inúmeras dificuldades sendo que existe, entre elas, a falta de material didático, único livro que é trabalhado com as crianças é enviado pela Prefeitura Municipal de Cotriguaçu juntamente com a Secretaria de Educação.

A escola não é regularizada, trazendo dificuldades ao ensino das crianças na aldeia, provocando defasagem no aprendizado das crianças, porém ainda continua sendo uma extensão do município, e a sociedade Babaçuzal espera que até final deste ano seja legitimada.

Tal necessidade prende-se ao fato dos alunos apresentarem idades diferenciadas e acaba estudando no mesmo período em uma única sala conforme a figura 10. Isso acarreta um problema didático-pedagógico por não conseguir auxiliar todas as crianças ao mesmo tempo, com os conteúdos diferentes.



Figura 10: Escola da Adeia Babaçuzal.
Fonte: GARCIA, J.F 2011

A respeito do trabalho lúdico na aldeia esse se dá de diferentes formas e do costume da comunidade Babaçuzal, com colagem de figuras e plantas, jogo com

bola e mostrando além de sua cultura própria, os animais que habitam a extensa terra indígena do Escondido.

O lúdico vem tomando frente às salas de aula na atualidade, com meios de ensinar diferenciado, sendo que com isso tem maior incentivo às crianças e aos jovens a se interessarem mais nas aulas. Na aldeia o professor aprimora meios que possa utilizar como a fauna e a flora, trabalhando assim, com meios geográficos e aprendendo como relacionar os jogos com ensino pedagógico, por não haver material didático o suficiente para estar montando jogos para os alunos. O jogo na comunidade é a atividade mais trabalhada pelo docente, pois a aldeia tem um campo de futebol e quadra de vôlei de areia.

A finalidade dessas visitas foi realizar com as crianças meios de estudo dinâmicos aprendendo não só a valorizar seus costumes e tradições, mas a geografia que está presente em seu hábitat. Com jogos em quadra de areia e campo de futebol como pode-se analisar na figura 11, apesar das dificuldades encontradas o professor faz o possível para saciar as necessidades e agradar a criançada.



Figura 11: Quadra improvisada para os jogos recreativos
Fonte: GARCIA, J.F 2012.

Muitas vezes no intervalo de aula as crianças costumavam sair e acabavam não voltando para continuar a estudar. Assim, foi proposto ao professor fazer as dinâmicas com jogos pedagógicos, leitura de histórias infantis com fantoches, onde as crianças ficaram mais atentas e se entusiasmaram em estudar mais conforme visto na figura 12.



Figura 12: Aulas ministradas ao ar livre na Aldeia Babaçuzal.
Fonte: GARCIA, J.F 2012.

Nessas aulas ministradas mostrou-se os conhecimentos da geografia que envolve a Terra Indígena do *Escondido*. Abrindo exceções às crianças, jovens e adultos a se manifestar na leitura. O cacique da comunidade, apesar de ser um ancião com dificuldades na leitura, também contribuiu com sua parte mostrando que todos são capazes de desenvolver seus meios de aprendizagem e de conhecimentos. Vide figura 13.



Figura 13: Cacique Dokta na confraternização.
Fonte: GARCIA, J.F 2012.

A geografia vem buscar métodos de ensino em que uma pode auxiliar a outra, a geografia introduz o conhecimento entre a paisagem e território geográfico que vai além de qualquer disciplina, objetivo esse compreender seus conceitos. Construindo assim, pilares diversificados para o modo ensinar que é, a realidade existente em

seu *Habitat*, a lógica dos conhecimentos geográficos determinantes em um dado território e o terceiro e último à complexidade das ciências míticas e da geografia.

CONCLUSÃO

Navegando entre os grandes córregos para as margens do rio Juruena, entre conflitos e pacificações, tradições modificadas, mitos, crenças e a educação ratificada, os *Rikbaktsas* protegeram seu território, apesar das influências políticas, garantindo assim, a formação das três áreas indígenas.

No decorrer desse trabalho procurou-se refletir sobre a importância da educação indígena, seu modo de vida e religião, podendo observar que barreiras todos nós encontramos, e esses índios tem uma alegria em seu semblante, apesar das dificuldades encontradas por eles em se adaptarem no ensino formal não-índio. A educação indígena, para ter um ensino mais eficiente, tem que se aperfeiçoar em novas didáticas com aulas dinâmicas, trazendo conhecimentos da geografia local, conhecimentos esses que são encontrados com facilidade nas redondezas na Terra indígena do *Escondido*.

A Geografia mostrada nos livros didáticos, que são poucos e nada condizentes com o cotidiano da aldeia, pois mesmo os materiais que é utilizado é bem diversificado, ainda assim, pode-se identificar um conteúdo didático a partir do seu território vivido, o que possibilita ter uma visão para melhoria ensino local. A geografia naturalística vem mostrando as questões físicas e humanas intrínsecas ao seu cotidiano e a sua cosmogonia através do envolvimento dos alunos num novo olhar focado para a sua aldeia e manutenção de suas práticas ritualísticas.

O convívio com os *Rikbaktsa* da aldeia Babaçuzal, numa análise feita desde o primeiro momento até o último, percebeu-se a valorização de suas crenças e mitos que vem sendo articulado há séculos, uma atenção e respeito com o não-índio que trás segurança no convívio com essa sociedade indígena. Sabendo que os primeiros contatos foram feitos pelas missões jesuítas há décadas com esses povos indígenas, suas doutrinas religiosas interferiram também na educação e na fala desses povos, devido ensinarem só o português em detrimento à língua-mãe.

Na comunidade Babaçuzal, os *Rikbaktsas* congregam-se em seus rituais, magias e para eles o seu Deus Supremo são seus ancestrais mortos, que reencarnam em animais ou plantas e assim, acreditam que com seus cantos, danças, comidas podem obter a cura entre outros rituais. O *xamã* um ancião determinado mostrou que sua vida, apesar das dificuldades do dia-a-dia, pode criar

novos meios de se viver, conviver e mostrar um lado significativo para as gerações futuras.

Durante o período em que foi realizada a pesquisa, implementou-se a Geografia na Aldeia Babaçuzal mostrando a diversidade dos recursos *in loco* que podem ser usados numa dinâmica com as crianças dentro o processo de aprendizagem junto a comunidade indígena/sociedade envolvente de várias disciplinas afins.

Viabilizou-se também uma biblioteca na aldeia para melhor acesso tanto aos alunos como ao professor, com fichas de leitura, revistas para trabalhar o lúdico e livros didáticos para pesquisa e conhecimento geral de todas as disciplinas.

REFERÊNCIAS

AMBIENTAL, Portal Sócio. <http://ti.socioambiental.org/pt-br/terras-indigenas/3839>
Acesso: 15, set. 2012.

_____. <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3705> Acesso:
15, set. 2012.

_____. <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>
Acesso: 15, set. 2012.

_____. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/rikbaktsa/350> Acesso em: 15,
Ago. 2012.

_____. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/paresi/2033> Acesso: 17 jul.
2012

ARRUDA, Rinaldo - “**Mitos Rikbaktsa: História, Sociedade e Natureza**”. Revista Margem n.5. Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. págs.31-59. São Paulo, dez. 1996.

_____. **Os Rikbaktsa do rio Juruena, frentes de expansão e meio ambiente na Amazônica**. São Paulo, PUCSP. 1997.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: Rosendhal. Z; Correa, R.I. Geografia Cultural: um século (3). RJ, Eduerj, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano. A essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANÇA, Sebastião Fontineli. **Uma Visão geral sobre a educação brasileira**. Mestre em Geografia, pela Universidade de Brasília. Diretor de Ensino de Pós-Graduação da UPIS. Integração, V. 1, 2008, p. 75-88.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Tradução de Saul Barata. Lisboa: Editora Presença, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto. 2009.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. **A expansão da agricultura moderna e a integração do Centro-oeste brasileiro à economia nacional**. Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente, julho 2000.

KAINGÁNG, Azelene. **Um Olhar Indígena: sobre a Declaração das Nações Unidas**. Uma publicação do projeto : “**Protagonismo dos Povos indígenas brasileiros por meio dos instrumentos internacionais de promoção e proteção dos direitos humanos**.” 1ª ed. 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **As religiões Indígenas: o caso tupi-guarani**. Revista USP, São Paulo, n.67, p.6-13, setembro/novembro 2005. Disponível em www.usp.br/revistausp/67/laraia.pdf . Acesso em: 17 jul, 2012 às 17h35min horas.

LOPES, Marina Silveira. **Sob a Sombra do Carvalho: a espacialização do imaginário neodruídico na metrópole paulistana**, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Ciências da Religião, PUCsp.

MORAES, Antonio Carlos Roberto. **Geografia: Pequena História Crítica**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORENO, Gislaene. HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs); colaboradora Gilda Tomasini Maitelli. **Geografia de Mato Grosso: Território, sociedade, ambiente**. Cuiabá: Estrelinhas, 2005.

OLIVEIRA, Mileide Terres. **Educação Rikbaktsa no cotidiano urbano juinense: uma ponte para a valorização da diversidade**, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Letras, AJES/MT.

PACINI, Aloir. **Pacificar: Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

PEREIRA, Franz Kreüther, **Painel de Lendas e Mitos da Amazônia**, Revisado e Ampliado pelo autor, Trabalho premiado (1º lugar) no Concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras, Belém-Pará, 2001. Disponível em http://vbookstore.uol.com.br/nacional/misc/painel_de_lendas.PDF. Acesso em: 17 jul, 2012.

REZENDE, Pe. Justino Sarmiento. Tuyuka. **Repassando a Educação Indígena – laualetê**, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: 2ª. ed. UERJ, 2002.

SANTILLI, Márcio. **Os brasileiros e os índios**. Editora SENAC. São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4.ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **O renascer dos povos indígenas para o direito**. 1ª ed., (ano 1998), 7 reimpr./ Curitiba:Juruá, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro. Difel – Difusão Editorial S.A. 1980.

VILLARES, Luiz Fernando. **Direito e Povos Indígenas**. Curitiba: Jaruá Editora, 2009.

VIEIRA, João. 2004. Disponível em: <http://www.supersitegood.com/taligado/texto.php?mat=517>. Acesso em 24, jun, 2012.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. **Os termos da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeni (orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil** / 3ª Ed., ver e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARRUDA, Rinaldo. **Existem Realmente índios no Brasil?** São Paulo em Perspectiva, 1994, p. 77-85. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03/v08n03_11.pdf Acesso em: 24, Agosto. 2012.

_____. **Representação e participação indígena nos processos de gestão do campo indigenista: Que democracia?.** Revista Antropológicas JCR, Recife, v. 14, p. 35-46, 2003.

_____. **Índios e Antropologia: reflexões sobre cultura, etnicidade e situação de contato.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia JCR, Belém-Pará, v. 15, n. 1, p. 33-90, 2000.

_____. **"Direitos territoriais étnicos: questões relativas às terras indígenas".** In: VALCUENDE DEL RIO, Jose Maria & CARDIA, Lais Maretti (Orgs).. (Org.). Territorialização, Meio-Ambiente e Desenvolvimento no Brasil e na Espanha/ Territorialización, médio ambiente y desarrollo em Brasil y en España. Rio Branco: EDUFAC, 2006, p. 349-379.. Rio Branco: EDUFAC, 2006, v. , p. 349-379.

_____. **Os direitos dos Erikbaktsa: interesses impedem demarcação da área indígena do Escondido.** Povos Indígenas do Brasil - Aconteceu no 19, São Paulo, p. 579 - 583, 10 dez. 1996.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (editor) ; VALCUENDE, José Maria (coord) ; CARDIA, L. M. ; Funes, Eurípedes ; BARBOSA, Cleto ; PANDO, Oscar Paredes ; Lucena, C. ; ARRUDA, R. S. V. . **História e Memórias das três fronteiras: Brasil, Peru e Bolívia.** 1. ed. São Paulo: EDUC - Editora PUC-SP, 2009. v. 1000. 278 p.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente.** Petrópolis RJ. 5ª ed. (2001) Editora Vozes, 1998.

_____. **Os Rikbaktsa: mudança e tradição.** Tese (Doutorado em Antropologia) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem e outros ensaios.** Tradução Dorothee de Bruchard; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global: Esboço Metodológico.** São Paulo: IGEO USP, 1972.5p.

BOSWOOD, Joan. **Evidências Para a Inclusão do Aripaktsa no Filo Macro-Jê.** Série Lingüística, Associação Internacional de Linguística – SIL, Anápolis, n. 1, p. 67-78, 1973. Disponível em:

<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/AKMcJe.pdf> Acesso em: 20, Agosto. 2012.

COLAÇO, Thaís Luzia. **Incapacidade indígena: Tutela religiosa e violação do direito guarani nas missões Jesuíticas**. Curitiba. 1ª ed. (ano 2000), 3ª tir. (2005). Juruá Editora, 2005.

CONTE, Priscila. **Educação 2010: As mais importantes tendências na visão dos mais importantes educadores**. Curitiba PR, 1ª edição. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978. p.67.

GUERRIERO, Silas. **A Magia existe?** São Paulo. Paulus, 2003.

KAYSER, Hartmut-Emanuel. **Os direitos dos povos indígenas do Brasil: desenvolvimento histórico e estágio atual** / tradução Maria da Glória Lacerda Rurack, Klaus-Peter Rurack. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Cia Editora nacional e EDUSP, 1970.

LOPES, Marina Silveira. **Sob a Sombra do Ipê: a espacialização do imaginário neodruidico nas cidades brasileiras**. EGAL – ENCONTRO DOS GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. Eje Temático: Poblacion. 2011.

MENDONÇA, Wilma Martins de. **As Religiosidade Indígena no Brasil do Século XVI**. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, I Simpósio Internacional de Ciência das Religiões, João Pessoa, 2007. Disponível em www.cchla.ufpb.br/religioes/index.php?option=com_content&task=view&id=98&Itemid=76. Acesso em: 15 jul,2012 às 17h40min horas.

NIEMEYER, Ana Maria de. GODOI, Emília Pietrafesa (Orgs). **Além dos territórios: para um diálogo entre etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 1998.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. Bauru: Editora Edusc, 2004. 42p.

PASSOS, Messias M. dos. **Amazônia: teledetecção e colonização**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

PINTO, Davi Souza de Paula. **Fundamentos E Elementos Caracterizantes Da Religião Indígena**. Estudante de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Estagiário de Direito. Belo Horizonte MG, 2008.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social**. 2009.196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRES.pdf Acesso em: 20, agosto. 2012.

RODRIGUES, Enedina dos Anjos. **A territorialidade da igreja Presbiteriana do Brasil em Castanheira: Uma questão familiar.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia. 2010. AJES/Juína- MT.

ROSENDAHL, Zeny ; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Religião, Identidade e Território.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu; MARTINS, Josimone Maria Batista. **A História oral como conhecimento aplicado na pesquisa em Geografia Cultural.** 2010. Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEERTrabalhosNEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf> Acesso em: 30 out. 2012.

SILVA, Léia de Jesus. **Aspectos da Fonologia e Morfologia na Língua Rikbaktsa.** 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/tese:silva-2005a/silva_2005.pdf. Acesso em: 01, Ago. 2012.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia linguística: dominação e liberdade.** Álvaro José de Souza: Repensando à Geografia. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ANEXO I**QUESTIONÁRIO**

- 1- Professor quanto tempo mora na aldeia?
R:.....
- 2- Com quantos anos você começou a estudar?
R:.....
- 3- E como eram os professores, eram todos indígenas?
R:.....
- 4- Quais eram as matérias que você estudava?
R:.....
- 5- Você sabe a língua Rikbaktsa?
R:.....
- 6- Você é graduado? Em que área?
R:.....
- 7- Professor como você trabalha com os alunos em questão de língua?
Português e a língua mãe?
R:.....
- 8- Professor existe dificuldades de adquirir o material didático para o ensino pedagógico?
R:.....
- 9- Professor você faz algum trabalho lúdico com os alunos? Cite alguns?
R:.....
- 10-Como são separadas as turmas?
R:.....
- 11-Quantas matérias são administradas em sala de aula?
R:.....
- 12-Qual material didático é usado?
R:.....
- 13-É feita o estudo pela cartilha Rikbaktsa?
R:.....
- 14-Como é trabalhado a arte cultural e paisagística da etnia em sala de aula e na aldeia em geral?
R:.....

ANEXO II



Fundação Nacional do Índio
Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas
SEPS 702/902, bloco A, sala 102. Brasília - DF. CEP 70390-025
Telefax (61) 3313-3846/3 313-3606 - e-mail: cgep@funai.gov.br

Ofício nº. 106 /AEP/Pres/11

Brasília, 21 de julho 2011.

Ao Senhor
José Carlos Rolo
Ordem dos Parlamentares do Brasil – OPB
Chefe de Gabinete
Avenida Rebouças, 3753
Pinheiros
05401-450 São Paulo - SP

Assunto: ingresso em terra indígena

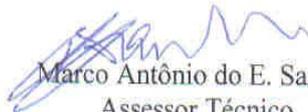
1. Cumprimentando-o, vimos tratar da solicitação de autorização de ingresso nas terras indígenas Rikbatsa, Cinta Larga e Enawene-Nawe, em nome da artista plástica Maria Rosa Guimarães responsável pelo projeto intitulado “Simplesmente Livre” e Juliane Ferreira Garcia, responsável pelo documentário, com o objetivo de realizarem pesquisa de campo e produção de acervo de artes plásticas sobre tela e produção de documentário retratado através de catálogo slides DVD, para exposição na Biblioteca municipal de Juína, e que serão posteriormente doados para o Departamento Municipal de Cultura de Juína e bibliotecas públicas da Região Noroeste do Estado de Mato Grosso.
2. Temos a informar sobre isso, que os direitos autorais e de imagem dos povos indígenas encontram-se regulamentados pela Portaria nº.177/PRESI (cópia em anexo).
3. Ressaltamos que os povos indígenas têm direitos de natureza coletiva nos termos da Constituição Federal brasileira e, portanto, cabe a eles, através dos seus representantes, concederem a autorização para o acesso e utilização do seu patrimônio cultural (conhecimento tradicional, práticas, técnicas, narrativas, saberes, grafismo, pintura corporal, músicas e imagens dos seus integrantes), podendo inclusive exigirem uma contrapartida para isso. Caso se manifestem favoravelmente ao que está sendo solicitando, caberá a Funai dar prosseguimento ao processo de autorização, onde deverá constar as condições para a realização do projeto.



Fundação Nacional do Índio
Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas
SEPS 702/902, bloco A, sala 102. Brasília - DF. CEP 70390-025
Telefax (61) 3313-3846/3 313-3606 - e-mail: cgep@funai.gov.br

4. Considerando que Autorizações para Ingresso em Terra Indígena são assinadas pelo Presidente da Funai, de comum acordo com os índios, procederemos a consulta prévia aos representantes indígenas, para o posterior contato e negociação dos interessados diretamente com os titulares do direito sobre o patrimônio cultural.

Atenciosamente



Marco Antônio do E. Santo
Assessor Técnico

ANEXO III



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

Ofício nº 015 EVC/2012

Juína 28 de junho de 2012.

Eu, Claudio Silveira Maia, coordenador do curso de Licenciatura em Geografia da Ajes (Associação de Ensino Superior), juntamente com Marina Silveira Lopes, orientadora da pesquisa monográfica da acadêmica Juliane Ferreira Garcia, portadora do RG: 11562080 SJMT e CPF: 925.815.951-91, venho por meio deste, solicitar autorização para pesquisa acadêmica na Terra Indígena do Escondido na Aldeia Babaçuzal, localizada no Noroeste do Estado de Mato Grosso as margens esquerda do rio Juruena, no município de Cotriguaçu/MT. No qual serão realizadas visitas a campo, nos dias 9, 10 e 11 de julho de 2012, referente a análise da educação indígena, religião e modo de vida da etnia Rikbaktsa.

Atenciosamente

Claudio Silveira Maia
Coordenador do Curso de Geografia

Recebido em
29/06/2012

Paulino Alves de Carvalho
Secretário Municipal de
Educação e Cultura
Port. 058/2011

ANEXO IV



PREFEITURA MUNICIPAL DE COTRIGUAÇU
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Ofício: 043/2012

Eu Paulino Alves de Carvalho, Secretário Municipal de Educação e Cultura Municipal de Cotriguaçu MT. Venho por meio deste conforme o ofício Nº 015 EVC/2012 do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena _AJES_ pedir autorização para que a acadêmica Juliane Ferreira Garcia, possa fazer uma pesquisa acadêmica referente a análise da educação indígena, religião e modo de vida da etnia Rikbaktsa na Terra Indígena do Escondido na Aldeia Babaçuzal no município de Cotriguaçu-MT.

Sem mais para o momento externo meu apreço e estima.

Atenciosamente,


Paulino Alves de Carvalho
Secretário Municipal de
Educação e Cultura
Port. 058/2011

CNPJ nº 37.465.309/0001-67
Avenida 20 de dezembro, 779 – Centro – CEP 78.330-000 - Cotriguaçu - Mato Grosso

Fone fax 66 555 1465 – E-mail educacao@cotrinet.com.br
Administrando para Crescer Gestão 2009-2012

ANEXO V

AUTORIZAÇÃO
(Área Indígena do Escondido/Aldeia Babaçuzal)

A pedido da Sr^a. JULIANE FERREIRA GARCIA, aluna do V termo de Licenciatura em Geografia da AJES - Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, localizada na Avenida Gabriel Mulher, s/nº, módulo I do município de Juína/MT, a comunidade Babaçuzal juntamente com o cacique DOKTA RIKBAK TSA localizada na margem esquerda do rio Juruena no município de Cotriguaçu/MT, autorizamos as visitas feitas pela acadêmica de acordo com o cronograma de seu trabalho para a conclusão do curso, autorizando a mesma a utilizar as imagens da aldeia em geral, sendo que possa futuramente vim a fortalecer ou nos beneficiar com seu trabalho.

Cotriguaçu, 07 de Outubro de 2012.

Dokta Rikbaktsa
 Cacique Aldeia Babaçuzal

DOKTA RIKBAK TSA
 ALDO
 Ana Bela
 Mônica mundi
 NEILTON
 Raimundo Jamoxi
 Lindomar estre RIKBAK TSA
 Adriana Zolile Rikbaktsa
 Vani otsek
 Juséio TUKU